

**“LAÇOS DE PAPEL”: AS RELAÇÕES DE AMIZADE, CONFIANÇA E
RESSENTIMENTO ESTABELECIDAS ATRAVÉS DA ESCRITA DE CARTAS DA
BARONESA AMÉLIA PARA SUA FILHA AMÉLIA ENTRE OS ANOS DE 1885 A
1917 NA CIDADE DE PELOTAS/RS**

Talita Gonçalves Medeiros¹

Resumo: A presente proposta de reflexão é fruto de uma tese que encontra-se em construção na linha de Relações de Poder e Subjetividades no Doutorado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa possui como finalidade analisar as prescrições de feminilidades nas cartas enviadas da Baronesa Amélia para sua filha Amélia nos anos de 1885 a 1917 na cidade de Pelotas/ RS. Pertencente ao terceiro capítulo da investigação, o estudo aqui apresentado possui como iniciativa analisar como a escrita de cartas tornou-se um espaço e um meio de comunicação entre mãe e filha, que ao longo dos anos, firmou-se em três principais laços: o laço da amizade, o laço da confiança e o laço do ressentimento. Portanto, o objetivo deste artigo encerra-se na proposta de compreender esses três movimentos principais, analisando como os sentimentos, as relações de poder e as emoções, presente nas entrelinhas das missivas, transformam-se ao longo dos anos e como subjetivamente essa relação também se modificou.

Palavras-chave: Cartas. Baronesa. Amélia. Pelotas

FRAGMENTOS DO VIVIDO: DE AMÉLIA PARA AMÉLIA

Inúmeros são os questionamentos e as observações realizadas sobre e a partir das missivas ora em discussão. Analisar as correspondências enviadas pela Baronesa Amélia para sua filha Amélia é observar as várias prescrições de feminilidades, as inúmeras mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que se estabeleceram no período de 1885 a 1917, tanto na cidade do Rio de Janeiro como na cidade de Pelotas. Mas, sobretudo, é verificar três movimentos principais que constituem e perpassam todas as missivas: o laço da amizade, o laço da confiança e o laço do ressentimento. É válido destacar, que esses três laços, não aconteceram de forma estanque ou em etapas, eles se entrelaçaram durante todo o período de

¹Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – E-mail para contato: tgmhistoria@gmail.com Agência de fomento CAPES

envio das cartas, e desta forma, no montante de 150 missivas podemos observar, por vezes, a constituição dos três laços em apenas uma correspondência. Desta forma, a divisão aqui realizada, apenas possui como objetivo uma divisão sistemática que nos proporcione uma melhor visualização destes três movimentos de sentimentos².

Assim, analisar e compreender esses sentimentos (CLOUGH; HALEY 2007) e (CAPDEVILA; LANGUE, 2014), as relações de poder e as emoções (FARGE, 2011)³, presente nas entrelinhas das missivas é apreender, que a relação subjetiva entre mãe e filha modificou-se ao longo do tempo, o que nos possibilita acessar aos fragmentos das teias de sensibilidades como referenciado por Cunha (2009). Desta maneira, podemos entender que as correspondências, ao formar “laços de papel”, (CUNHA, 2009, p. 159), expõem, revelam e compartilham situações cotidianas, revelam a “[...] construção da história dos indivíduos que se inventam pela escrita no âmbito da intimidade/da escrita de si e da escrita para os outros” (CUNHA, 2009, p. 156).

A partir disso, tomamos ciência de que trabalhar com missivas é possuir acesso a vestígios e fragmentos de um vivido, que em constância revelam “registros multifacetados e representações complexas e contraditórias, com as quais homens e mulheres vivem e reinventam seu cotidiano, permitindo-lhes seguir suas reações, suas emoções [...]” (CUNHA, 2009, p. 156). Conforme Sandra Pesavento (2006, *In* CUNHA, 2009, p. 157), as cartas “representam a si mesmo e ao mundo”. Elas, “materializadas em papel e tinta, [...] eternizam em folhas amareladas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações de um outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente” (CUNHA, 2009, p. 156).

²A categoria sentimentos é compreendida na presente escrita como expressões de sensibilidades afetivas, ou seja, sentimentos que afetam os/as sujeitos/as de alguma forma, sejam eles de aprovação ou rejeição, alegria ou tristeza, de paixão ou mágoa e que, por vezes, são expressadas através da escrita, da fala ou de gestos. É importante destacar que essas sensibilidades não ocorrem de forma estanque ou polarizada, por vezes, há uma fusão dessas sensibilidades afetivas no/na sujeito/sujeita, como podemos notar nas cartas e nos laços que a compõem, conforme nos ensina CLOUGH; HALEY (2007) e CAPDEVILA; LANGUE (2014).

³Segundo Farge (2011), a subjetividade das emoções, das comoções e do sofrimento presente nos documentos históricos, principalmente os arquivos privados, tornam-se indícios para refletirmos sobre o passado através do presente. É através das histórias públicas e privadas, das moradas vivas da história, como a autora destaca, que podemos compreender muitas das ações empreendidas no plano individual e/ou social e como a sociedade se move através disso. Esses rastros singulares do vivido, transcritos em documentos, embebido de subjetividades e de emoções como as que transparecem nas missivas discutidas ao longo do texto, analisado sob a luz da historiografia atual, nos impulsiona a compreender através dessa reflexão a constituição dos três laços e a história das emoções que se fez presente no laço da amizade, no laço da confiança e no laço do ressentimento entre as Amélias.

Assim sendo, compreendendo que as cartas, assim como a História, encontram-se frente a um tabuleiro de xadrez, onde há uma multiplicidade de intenções individuais e de significados, nós que podem ser desatados conforme as indagações do/da investigador/investigadora, prevalece a importante observação realizada por Mabel Moranña (2012, p.318), sobre a necessidade de operarmos frente a essa fonte com um caixa de ferramentas para que possamos compreender que as emoções, os afetos e as sensibilidades, em suma, os sentimentos e as ações subjetivas que movem as ações humanas e que portanto, produz, transmite e “conecta las distintas instancias de la vida, los diversos sujetos, la relación entre sujeto y acción, entre cuerpo y no cuerpo, entre evento y sujeto”, produz apenas “indícios, traços de sentimentos, que se insinuem em discursos, práticas e imagens, os quais permitem esse ‘tateamento intelectual’” (PESAVENTO, 2001, p. 236).

Desta forma, esses enunciados⁴ que necessitam ser detectados nas minúcias do dizer, ou por vezes na particularidade do silêncio, nos permite constatar que utilizar correspondências como fonte de pesquisa e nelas analisar a categoria sentimentos, é ter ciência de que este elemento nas pesquisas históricas, na maioria das vezes, não está dado, necessita de um olhar atento que perceba “as insinuações, os silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo do social” (PESAVENTO, 2001, p.223), e a partir disso, é necessário “encontrar tais indícios, traços, marcas sinais, é [...] ‘garimpá-los’[...]”(PESAVENTO, 2001, p.231) linhas após linhas de uma escrita ordinária como nos diz Michele Perrot (2012).

Do mesmo modo, podemos refletir sobre a constituição dos arquivos pessoais. É necessário entender que os arquivos privados, em sua maioria de mulheres, se configuram como nos diz Perrot (1989) como sombras tênues em relação aos arquivos dos homens. Com isso, podemos perceber sua faceta de exclusão, restrição e domesticação de suas escritas e de seus sentimentos que muitas vezes apenas são expressos em cartas, diários, bilhetes, coleção e manutenção dos seus *mil nada*s (PERROT, 2005, p. 37).

Assim, o silenciamento que transcorre em suas escritas, na constituição de arquivos e de suas memórias, estão, inevitavelmente, ligadas ao tempo e à escolha. Os arquivos pessoais, passam pelo crivo da seleção e, portanto, do que se deseja perpetuar sobre sua memória. Estas

⁴Segundo Michel Foucault (1997, p. 126), as mensagens transmitidas pelos enunciados não são explícitas, “não é imediatamente visível; não se apresenta de forma manifesta quanto uma estrutura gramatical ou lógica [...] o enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto”, mas acompanha sentidos e explicações no tempo e no espaço que estão agindo, são, portanto, símbolos e simbólicas em sua descrição, fala, demarcação e anúncio.

escolhas, claramente não são neutras, também transpassam pelo viés do gênero e assim buscam esculpir relações e valores mediados por aquilo que a eternidade deve registrar. Desta forma, as memórias escolhidas para o futuro transcorrem em ações de subjetividade, poder e identificação.

Convém lembrar que sobre essas instâncias, Joan Scott (1992), vem nos alertando da importância de olharmos pela ótica da história política e das relações de gênero (SCOTT, 1990) a história das mulheres e os seus registros. Conforme a autora (1992), o atravessamento político em nossas investigações amplia os horizontes historiográficos oportunizando a inserção de outras categorias de análises no trato com as fontes, como as propostas por Adriana Piscitelli (2008)⁵, Angela Davis (1982)⁶ e Verena Stolke (2006)⁷, dentre tantas outras autoras. Ainda conforme Scott (1992), esses atravessamentos políticos nas pesquisas em arquivos pessoais, permite que a escrita da História não se torne “uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história [...]” (SCOTT 1992 *In* Burke, 1992), pois “mais do que postular uma simples correlação, precisamos pensar sobre este campo como um estudo dinâmico na política da produção de conhecimento” (SCOTT 1992 *In* Burke, 1992, p.66).

Desta forma, o presente artigo busca auxiliar na construção desse conhecimento, desnaturalizando e ao mesmo tempo complexificando as relações entre subjetividade, gênero, história das mulheres, sentimentos, arquivos pessoais e as cartas enviadas da Baronesa Amélia para sua filha Amélia. Assim, como as missivas são frutos de seu tempo, a formação do arquivo dessas cartas e as relações entre mãe e filhas/os, também são. Desta maneira,

⁵ Adriana Piscitelli recupera a discussão teórica em torno dos conceitos de interseccionalidade e articulação, a fim de compreender melhor a questão da migração de mulheres. Nesse sentido, seu trabalho tem o mérito de incluir a nacionalidade entre as categorias que se articulam à gênero, classe e raça.

⁶ Preocupada com o entrelaçamento das questões de gênero, raça e classe, Angela Davis busca compreender o surgimento do mito do estuprador negro. Seu principal argumento consiste na existência de um “nó que ata as mulheres negras (sistematicamente abusadas e violadas por homens brancos) aos homens negros (mutilados e assassinados devido à manipulação racista das acusações de estupro)” (p. 178). A categoria classe muitas vezes atravessa a análise feita pela autora como, por exemplo, quando ela mostra que a solidariedade de trabalhadoras e trabalhadores brancos com o patrão opressor na questão dos linchamentos é uma forma de aumentar o lucro capitalista.

⁷ Para Stolke (2006), a importância dos cruzamentos e intersecções em nossas investigações se dá na forma como essas confluências de elementos, tais como “raça”, sexo, sexualidade, classe, permitem que abordagens investigativas tornem-se complexas e profundas em processos analíticos. Uma vez que em seu texto, a autora, nos demonstra como o controle da sexualidade feminina (primeiro com a *limpieza de sangre* = relações socioculturais; e depois com a versão moderna da ideia de racismo = socioeconômico) foi o norte e ao mesmo tempo o modo encontrado pelos espanhóis e portugueses para regular as fronteiras sociais, viabilizando que a “raça” branca de classe “superior” dominasse o espaço social e econômico de modo a influenciar nas relações socioculturais das colônias do Novo Mundo. Vale ressaltar que todas esses apontamentos das autoras foram realizados em forma de resumo juntamente com demais colegas para os seminários nos quais fiz parte.

compreender essas construções históricas e políticas em sua estrutura e manutenção, é uma tentativa de desatar esse nó naturalizado, seja da formação desse arquivo com um montante de 150 cartas, seja das relações de amizade, de confiança ou de ressentimento entre mãe e filha.

OS LAÇOS DE PAPEL: O ELO NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE AS AMÉLIAS.

Sobre os laços entre mãe e filha, conforme Elisabeth Badinter (1985), a partir do século XVIII houve uma revolução das mentalidades quanto à importância da figura da mãe na criação das/dos filhas/os. Segundo a autora, surgiram neste período três diferentes discursos – econômico, filosófico e o diretamente dirigido às mulheres: o discurso da felicidade e da igualdade perante aos homens ao assumir seu papel de mãe – que buscavam na prática aplicar um novo conceito de amor, o amor materno. Esse sentimento “espontâneo” surgido a partir do instinto materno deveria ser desprezioso de “toda mãe pelo seu filho” (BADINTER, 1985, p. 145). Assim, inúmeras são as novas recomendações de como ser mãe, de como cuidar, amar e acima de tudo de como comportar-se frente a suas/seus filhas/filhos conforme os novos conceitos da sociedade que exigia dela toda a sua atenção, energia e dedicação na composição desse novo cenário social.

Esse novo modelo de mãe, surgido no final do século XVIII e início do século XIX, conforme Badinter (1985) iniciou sua divulgação, principalmente, entre as burguesas, primeiramente por não necessitar trabalhar fora de sua residência, juntamente com o marido, nos negócios da família; em segundo lugar por acreditar que assim se comportariam como famílias “modernas” e “esclarecidas” - discurso esse veiculado principalmente por Rousseau através da publicação de *Émile* em (1762) - e em terceiro lugar pela concepção de um maior poder sobre as filhas/os e uma maior possibilidade de decisões e mando em sua residência.

Essas ações trouxeram, conseqüentemente, maiores responsabilidades às mulheres/mães, tornando-as professora, educadora, enfermeira, amiga, conselheira... todas estas ações seriam dedicados e voltados de forma constante e abundante para seus filhos/as. A negligência em qualquer aspecto da vida das filhas/os ou em qualquer um desses papéis a serem assumidos, tornou-se a principal “marca da falta do amor materno”, inconcebível no século XIX a uma mulher abastada. (BADINTER, 1985, p. 200).

Cabe observar que as cartas evidenciam as afirmações da autora acima citada. Pertencente a esse universo branco, letrado e burguês, a Baronesa Amélia ao escrever para sua filha deixa transcorrer em suas linhas os sentimentos de amor, carinho, saudade... preocupações de uma mãe por uma filha que revelam a construção do mito do amor materno e o seu constante reforço/esforço no cumprimento de seu papel social como *Amiga, Amiga Verdadeira, Mãe e amiga Certa, Da Mãe e Amigo do Coração, Mãe e amiga verdadeira*⁸.

AMIZADE: O PRIMEIRO PASSO NA FORMAÇÃO DO LAÇO

*Rio, 24 de novembro de 1899: peço-te porem que não te incomodes comigo, pois acima de tudo esta sua saude. Bastante tem me afligido saber que tens sofrido do fígado e em nome da nossa amizade te peço que não te descuide. Da mãe e amiga Amelia*⁹

Esse sentimento partilhado por muitas pessoas se estabelece através do compartilhamento de ideias comuns, gostos próximos ou ideais de vida partilhados. Na presente escrita, a amizade que se estabelece entre mãe e filha, possui um objetivo, possui uma intenção de existir, um vínculo maior do que apenas gostos, ideias ou vontades.

Após a morte do Barão e a mudança definitiva para o Rio de Janeiro, a filha Amélia e seu marido Lourival ficaram residindo em Pelotas, e assim, cuidando dos negócios da família. Amélia por sua vez ficou como procuradora/tutora de sua mãe, como a própria Baronesa Amélia observa em duas passagens de suas cartas enviadas para sua filha: *Paquetá, 17 de abril de 1899: Fizeste portanto o que devias fazer, merecendo até como procuradora um apertado abraço de agradecimento; Rio, 29 de setembro de 1909: quando te escrevo me parece estar conversando contigo, e por isso, não tenho vontade de parar! E, de mais a mais, não tenho que dar contas, á minha tutora?*

Como podemos observar, esta relação de dependência proporcionou a formação do primeiro laço, visto que, o envio de dinheiro, negociações sobre vendas, recolhimento de aluguéis e recebimento de valores, gerava uma maior necessidade de envio de cartas para a filha. Essa relação que se estabeleceu diante desse vínculo financeiro, proporcionou a formação do primeiro laço, do mesmo modo, que proporcionou uma relação de gênero entre

⁸Rio, 24 de Dezembro de 1909; Rio, 30 de Julho de 1909; Rio, 1º de Junho de 1909; Rio de Janrº. 6 de Maio de 1909; Rio 24 de Outubro de 1903; Rio, 24 de Agosto de 1899 respectivamente.

⁹Todos os trechos extraídos das cartas serão sinalizados através da escrita em itálico e serão transcritos tal/qual a escrita do período, sem qualquer uso de correção do português.

elas (PEDRO, 2005), pois como observado no montante das fontes, muitas vezes a Baronesa Amélia buscava não discordar da filha, buscando evitar qualquer desentendimento entre elas. Do mesmo modo, em suas linhas havia com constância a prestação de contas sobre seus gastos, compras e usos de seu dinheiro, como demonstra o último trecho observado acima.

Cabe destacar que não podemos afirmar a ausência de um sentimento ou interesse de saber do bem passar da filha e/ou de seus netos/as, notamos, entretanto, que essa troca mais intensa de correspondência, primeiramente, foi gerada pelo interesse sobre os negócios da família e envio de dinheiro para o sustento da Baronesa Amélia na cidade do Rio de Janeiro, - que primeiramente ficou residindo em um hotel e somente algum tempo mais tarde alugou uma residência para sua moradia no ano que receberia sua filha, seu genro, netos/as para as festividades de final de ano, - culminando posteriormente com interesse de saber sobre a saúde da filha, como podemos observar no primeiro trecho das missivas em destaque.

Em contrapartida, podemos afirmar que a amizade, o cuidado e o carinho entre ambas tornou-se recíproco. Inúmeras são as passagens que revelam os agradecimentos à filha sobre os presentes recebidos, tais como roupas, livros, doces e bolos. Além dos agradecimentos, como forma de retribuir os presentes, a Baronesa Amélia ofertava um outro presente como forma de responder ao agrado feito pela filha. Essas lembranças, como ela menciona em suas escritas, eram principalmente roupas, jóias e objetos que buscavam destacar a feminilidade de Amélia, como podemos observar neste trecho: *Rio, 16 de outubro de 1903: Ah! minha querida filha, se eu pudesse comprar todos os chapéus e vestidos bonitos, que aqui vejo, para ti, como ficaria contente! Quasi todas as vitrinas, tem agora bonécas de corpo inteiro, em que armão os vestidos, digo, as fazendas com as fórmãs dos mesmos vestido.*

O fragmento acima destacado vai ao encontro das afirmações de Denise Sant'Anna em seu texto intitulado "Sempre Bela" (2013), o qual afirma que era um dever da mulher rica e elegante estar adornada por leques, luvas e jóias. Sobre elas, recaia toda a força da indumentária, dos calçados e dos adereços que eram a sua maior marca de distinção. Ainda segundo a autora, os veículos de comunicação, tais como os jornais e as revistas da época foram os principais responsáveis pela divulgação desses novos comportamentos. Segundo Beleli (2007, p. 193), "a propaganda é um meio divulgador da cultura", ou seja, a propaganda auxilia na divulgação daquilo que é considerado como cultura no sentido progressista da palavra, como aquilo que é o correto em vias de moderno, de civilizado, de elegante e atual. Ainda conforme a autora, "o corpo na publicidade é fundamental para esse processo de

identificação e, na maioria das vezes, está associado a formulações de gênero e sexualidade” (BELELI, 2007, p. 194).

Por este viés, segundo Judith Butler (2003), as representações postas através da relação sexo/gênero estipulam e determinam ações, atitudes e modos a partir daquilo que é denominado como “homem” ou “mulher”. Alcançando o poder de representação e a performatividade, essas ações da linguagem dividem e hierarquizam objetos e pessoas através de uma matriz heterossexual binária posta na sociedade. Segundo a autora, essas ações são movidas pelos "termos pressupicionais", os quais ela define como ações condicionadas pela representação social, que agem como sistemas simbólicos, “políticos e linguísticos [que] estabelecem, a priori, o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados e representados” (BUTLER, 2003, p.25) estipulando performances para o homem ou a mulher. Para Butler (2012, p. 34), performatividade “no es pues un ‘acto’ singular, porque siempre es la reiteración de una norma o un conjunto de normas y, en la medida en que adquiera la condición de acto en el presente [...]”, pois “[...] esta morfología imaginaria no es una operación pre social o pre simbólica, sino se trata de una operación orquestrada mediante esquemas reguladores que producen posibilidades inteligibles y morfológicas” (BUTLER, 2012, p. 36).

Do mesmo modo, Thomas Laqueur (2001) afirma que a cultura expressada pela linguagem e amparada por ações políticas de poder, define e nomeia através dos órgãos genitais os sujeitos, classificando-os em homens e mulheres. Para Laqueur, ao criar e marcar essas diferenças na carne é estabelecida a diferença sexual no corpo, permitindo assim que as relações de poderes sociais, econômicos e culturais formatem os sujeitos através do discurso e validem normas sociais binárias postas para cada “sexo”. Segundo o autor, a problemática de definição de cada sexo insere-se na capacidade de estipular uma diferenciação sexual, que o discurso e a linguagem ancorada ao poder executam na sociedade. Para ele, “a diferença sexual, portanto, parece já estar presente na forma como constituímos o significado [...] porque qualquer coisa que se diga, fora de contextos muito específicos [...] já vem moldada pela teoria da diferença ou da igualdade.” (LAQUER, 2001, p. 29).

Desta maneira, podemos observar que os discursos de comportamento, a vontade do embelezamento de Amélia, as sugestões de objetos que a identificassem como mulher, enfim essa performatividade fazia parte do laço da amizade. Sugerir algo, dar conselhos, enviar presentes como forma de estreitar essa relação, estabelecer vínculos para além das questões

financeiras e firmar esta relação através do laço entre mãe e filha fazia parte do universo de angariar algo maior: a confiança e, portanto firmar essa relação em outro estágio que permitisse um diálogo mais aberto e próximo entre ambas.

O LAÇO DA CONFIANÇA

Rio, 6 de outubro de 1903: Perguntas se fizesse mal a troca de espelhos com Alzira. Tua pergunta é pois ociosa, pois bem sabes que tudo quando fizeres está de antemão aprovada por mim: tal é a confiança que tenho de que nada farás digno de reprovação. Da mãe e amiga verdadeira, Amelia

Como podemos observar, Baronesa Amélia aprovava de antemão todas as ações de sua filha. Esse pacto da confiança que se estabeleceu entre ambas, abriu espaços para trocas de confiabilidades e segredos. Apesar de muitas vezes receosa em dividir detalhes sobre uma confidência, seja por medo de extravio da carta ou pela possibilidade de alguém ler a mesma, Baronesa Amélia pedia por inúmeras vezes para a filha tomasse os cuidados necessários para o resguardo das correspondências, como podemos observar: *Rio, 4 de maio de 1909: Isto é apenas uma conversa entre nós! Rio, 13 de setembro de 1909: Corre por aqui (isto em reserva) que o Julinho é pretendente de Othilia? Rio, 4 de janeiro de 1910: Não deixes outros lerem essa, pois estes assuntos são só para nós.*

Conforme Leite (2002, p. 61) “o silenciamento é tomado [...] como uma das formas mais eficazes de segredo”. É no silenciar sobre um segredo que se renova o compartilhamento de demais confidências. Assim, o silêncio torna-se sinônimo de confiança. E esta confiabilidade é adquirida através das atitudes do ouvinte ou do leitor, portanto, a partir da “conduta do outro, que oferece a segurança para se fundamentar uma atividade prática” (LEITE, 2002, p. 61). Esse pacto se configura através da “ação recíproca com a relação estabelecida, num processo de espiral contínuo” (LEITE, 2002, p. 62). Desta forma, o laço da confiança deve ser partilhado e estabelecido entre os envolvidos, de forma que as confissões entre os ouvintes e confessores sejam mantidas em sigilo.

Como podemos observar, ao longo das várias linhas, houve por parte da Baronesa a solicitação de segredo e reserva sobre os assuntos ali pronunciados. Constatamos nas missivas inúmeros fatos que ali não deviam estar expostos. Assim, podemos observar que a confiança fazia parte de um pacto de silêncio que exige da intimidade uma esfera de ação. Por intimidade entendemos a exposição para alguém de seus desejos e segredos ocultos, de suas

falas pronunciadas quase que em silêncio, confissões de uma trajetória ou de uma ação que comumente não se fala em público, ou em voz alto a qualquer indivíduo.

Portanto compreendemos que a tríade confiança, intimidade e segredo/silenciamento fez parte da rotina de envio de cartas da Baronesa para sua filha. Ao longo dos 32 anos de cartas enviadas, do ano de 1885 a 1917, os segredos e as confidencialidades foram várias e variadas foram as suas exigências de segredo. A intimidade conquistada ao longo dos anos pelo laço da amizade, possibilitou que através de cada carta as confidencialidades, os segredos e a confiança se estreitassem de forma singular. Os pedidos de reserva e de leituras individuais demonstram através das linhas das missivas que a confiança era apenas depositada em Amélia e que o laço foi formado apenas por ambas.

Do mesmo modo, o laço do ressentimento foi formado apenas por ambas. A partir do ano de 1909, alguns desentendimentos e ressentimentos passam ser visualizados com mais frequência na escrita da Baronesa Amélia para sua filha. Nas entrelinhas das cartas, pois esses sentimentos não estão declarados de forma evidente, apenas sinalizados através de reclamações, exclamações, sentença de desejos sobrenaturais que não permitiram a viagem de Amélia, podemos perceber que esses desentendimentos e ressentimentos ocorreram por conta de acordos que não deram certo e inviabilizaram a ida de Amélia e de sua família para o Rio de Janeiro para encontrar a mãe, causando assim um distanciamento entre elas.

O LAÇO DO RESSENTIMENTO

Rio, 1º de fevereiro de 1910: Escrevi-te esta manhã bem aborrecida com a falta de cartas tuas... Adeus minha boa filha, Amélia

Por ressentimento, o entendemos como um “sentimento persistente, em vez de uma reação a um estímulo particular e imediato” (Konstan, 2001, p. 62), ou seja, diferentemente do sentimento raiva, por exemplo, o ressentimento é um sentimento que vai sendo alimentado ao longo dos anos, mas que não impede o indivíduo de conviver com demais sentimentos ou emoções. Para Konstan (2001, p. 67) o ressentimento é “um sentimento cultivado e acalentado”, contínuo e duradouro “não por ser um sentimento de impotência diante de um superior, mas porque se volta contra tudo e contra nada em particular”. Ainda conforme o autor, o ressentimento “não surge sem uma razão específica, eles se voltam contra objetos definidos e persistem enquanto persistem estes motivos” (KONSTAN, 2001, p. 67),



Desta maneira, a leitura e a compreensão das cartas, em seu montante, nos possibilita compreender com mais clareza as afirmações do autor acima citado. Após o desentendimento entre elas, seus pedidos de que a filha e a família viajem para o Rio de Janeiro tornaram-se mais escassos e transformaram-se em desejos, tais como podemos observar neste trecho: *Rio, 26 de Maio de 1909: Ah! minha filha, que pesar tenho em não ter a minha casa aqui, como tanto desejava! Se assim fôsse, estaríamos agora juntas. Rio, 24 de Junho de 1909: Consta-me aqui, que o frio ahi tem sido fôrte, e mt^o. me tem lembrado o Lourival, com a sua bronchites. Elle tem passado bem? E tu, ainda não sentistes frio? Aqui a temperatura tem estado agradabelissima.*

Do mesmo modo, com o passar do tempo, a não viagem alcançou um campo “místico” no qual forças maiores impediram a viagem de Amélia e sua família: *Rio, 1^o de Fevr^o de 1910: Nada me dizes sobre tua vinda, o q. me faz crêr, que não será ainda, neste mez! Enfim conformamo-nos, com a vontade do Altissimo, que tudo faz para o melhor; Rio, 4 de Janr^o. de 1910. Com bastante pezar, li tua carta de 22 do passado, a Edgard, por vir ella tirar-me de todo a esperança de passarmos juntas, o dia 6 do corrente; pois apesar de já me tivésses mandado dizer, que talvez não pudesses vir no Sirio, esperava sempre, que tudo se tivesse harmonizado, e que viesses; mas .. Deus não quis: conformemos-nos com a Sua divina Vontade!*

Com o exposto acima, podemos observar que o ressentimento advindo do desentendimento com a filha, fez com a Baronesa Amélia mudasse subjetivamente sua maneira de como tratar o assunto sobre a viagem com a filha. Utilizando-se de meias palavras, de exemplos e de comparações entre uma cidade e outra, entre um clima e outro, a Baronesa buscava convencer a filha de viajar sem que isso gerasse mais desconforto entre ambas. Podemos notar uma mistura de sentimentos, tais como saudades, desejo de ver a filha, mágoa, preocupações com a saúde e uma concepção de conformação pela viagem não realizada.

Assim, podemos observar que o ressentimento se fez presente nos diálogos da Baronesa com sua filha. Esse sentimento tornou-se mais evidente ao longo dos anos, pois a cada carta enviada e a cada declaração de saudade, a continuidade revela o ressentimento da viagem que não ocorreu, demonstrando sua frustração em não ver sua família no Rio de Janeiro como ela tanto esperava.

Ao longo do texto buscamos dialogar sobre os sentimentos que atravessam vários campos de nossas vivências, influenciam na constituição de memórias e impulsionam muitas de nossas ações. A escrita de uma carta, no nosso caso de uma mãe para uma filha, demonstra os sentimentos envolvidos na sua constituição, indicam a importância da formação de um arquivo para o resguardo dessas memórias e destacam as afetividades que o compõem. Como demonstrado, essas memórias afetivas formaram em nossa análise três laços principais, que nos revelaram que os sentimentos não são estanques, mas que eles se misturam, se aglomeram uns aos outros, se enlaçam e se tornam, por vezes, os três em um somente. A divisão, como já explicado foi sistemática, mas a nossa análise foi contínua.

Compreender em nosso estudo que as muitas linhas que compõem o nosso arquivo revelam segredos, pactuam decisões, demonstram sentimentos, apontam desgostos e contrariedades, partilham situações cotidianas, indicam transformações de um mundo em ebulição, atestam vivências a partir de outros olhares e outras percepções de mundo, ou seja, demonstram as tessituras de um social que observado por outros olhos, corroboram na importância de que investigar em arquivos de mulheres, é possuir a certeza de que “siempre habrá otras historias, otras memorias e interpretaciones alternativas, em la resistencia, em el mundo privado”. (JELIN, 2002, p. 34).

Assim, valorizar arquivos pessoais de mulheres como fontes de pesquisas é possibilitar o conhecimento de um universo singular que se cruza no plano da experiência. Testemunhar por outros olhares é observar que “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, resume-se a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável” (SARLO, 2007, p. 24). Portanto, a fluidez do tempo que nos explica Koseleck (1993) é a mesma fluidez da escrita e da experiência. Ao escrever, registramos aquilo que nos toca, nos afeta e que por vezes o registro da memória, ou do silêncio, transpassado na grafia dos arquivos pessoais, torna-se um ato de resistência, do mesmo modo, que o resguardo dessas memórias.

Deste modo, investigar arquivos pessoais de mulheres atravessadas pelas relações de gênero e pela perspectiva da categoria de análise “sentimentos”, nos possibilita visualizar nas entrelinhas, as sensibilidades afetivas que toda e qualquer relação exprime. Isso nos

impulsiona a compreender que essas experiências, formadas ou reveladas através de laços e seus múltiplos caminhos e cruzamentos que envolvem as relações humanas, possuem historicidade em sua formação. Portanto, cabe ao historiador/a análises crítica sobre os vários caminhos formados pelos laços sociais, seja, eles pelo laço da amizade, da confiança e do ressentimento.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno/Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BELELI, Iara. **Corpo e identidade na propaganda**. Estudos Feministas. v. 15, n. 1, 2007, p. 193-215.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPDEVILA, Luc; LANGUE, Frédérique. “Le prisme des émotions”. In: CAPDEVILA, Luc; LANGUE, Frédérique (Org.). **Les passé des émotions**. D’une histoire à vif .Amérique Latine et Espagne. Rennes: PUR, 2014. p. 7-10.

CLOUGH, Patrícia Ticineto; HALEY, Jean (Org.). **The affective turn**: theorizing the social. Durham: Duke University Press, 2007.

DAVIS, Angela. Violação, racismo e o mito do violador negro. In: _____. **Mulher, raça e classe**. Cap. 11. Tradução de Plataforma Gueto. Grã-Bretanha: The Women’s Press, 1982, p. 125-143. Disponível em <https://plataformagueto.files.wordpress.com/2013/06/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>

KONSTAN, David. Ressentimento: História de uma emoção. In.: **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão do sensível/Organizadoras Stela Bresciani e Marcia Naxara. 2ª Ed. – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

LAQUEUR, Thomas. Da linguagem e da carne. In: _____ **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.13-40.

PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. Vol. 9, n.18, 1989, p. 9-18.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Aspectos do segredo: Maria Moreira Lacerda In.: FUKUIA, Lia. **Segredos de família**/ organizado por Lui Fukui. São Paulo: Annablume: Nemge/ USP: Fapesp, 2002.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** (São Paulo), v. 24, p. 77-98, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, vol. 11, n. 2, jul-dez 2008, p. 263-274.
<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5247/4295>

MORAÑA, Mabel. El afecto en la caja de herramientas. In: MORAÑA, Mabel y PRADO, Ignacio M. S. (eds.) **El lenguaje de las emociones**. Madrid: Iberoamerican, 2012. P. 313-338.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992. p.63-95.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, vol. 14, n.1/2006. p. 15-42.